

CONCLUSÃO

Esta conclusão avaliará, primeiramente, as hipóteses decorrentes da apresentação do Estado da Questão diante dos resultados a que chegou esta pesquisa; contudo, ao avaliar essas hipóteses, em confronto com tais resultados, não retomaremos todos os conteúdos que se encontram já na síntese, mas ressaltaremos somente alguns pontos que visam mostrar as insuficiências das mesmas hipóteses.

Em seguida, ao abordar os resultados alcançados da pesquisa, versaremos sobre algumas implicações dela decorrentes e também o seu valor no que tange à sua originalidade e contribuição no âmbito da teologia bíblica.

1. Avaliação das Hipóteses de Trabalho

1.1. As hipóteses prévias

As hipóteses formuladas em A1 têm a sua plena confirmação respaldada nos resultados obtidos por esta pesquisa. Assim, em G1, o πλήρωμα τοῦ χρόνου, como momento da υἰοθεσία decorrente do envio do Filho de Deus, possui um caráter escatológico já realizado, estando compreendidas duas dimensões: o doador (Deus) e o receptor: judeus e não judeus, isto é, a humanidade, independentemente de sua origem étnica. É, ainda, considerado o caráter histórico do envio do Filho, por causa da ênfase dada à realidade de sua inserção familiar (nascido de mulher) e cultural-religiosa (nascido sob a lei judaica). Finalmente, com o envio do Filho de Deus, vale dizer, a Encarnação, a humanidade atinge o auge de sua maturidade, sendo que a torah, a partir desse acontecimento, é compreendida como importante momento pedagógico (menoridade) em vista do tempo da maioridade (tempo de Cristo). Assim, os acontecimentos decorrentes do πλήρωμα τοῦ χρόνου – envio do Filho e a nossa conseqüente adoção filial – são o eixo central e o ponto auge de toda a história da humanidade.

Já o πλήρωμα τῶν καιρῶν, em Ef, que expressa um acontecimento escatológico, supõe a encarnação como um fato ocorrido. E, ainda mais, tem a sua

realização completada. Esses resultados são também contemplados, em parte, na hipótese A2. No entanto, conforme mostrou esta pesquisa, a dimensão de uma escatologia já realizada, não é decorrente, somente, da constatação de que a carta aos Efésios não se refere a um futuro distante; antes, a realização escatológica do πλήρωμα τῶν καιρῶν tem o seu embasamento no fato do que é capaz de realizar o sacrifício de Cristo em relação a nós.

Ainda, a expressão πλήρωμα τῶν καιρῶν, muito semelhante ao πλήρωμα τοῦ χρόνου, não apresenta a υἰοθεσία como uma finalidade, tal como ocorre em Gl 4,5. O ponto de ligação entre essas duas expressões pode ter o seu eixo de compreensão na nossa redenção pelo sangue de Jesus. Nesse sentido, a υἰοθεσία dos cristãos não é uma realidade somente atemporal, mas adquire a sua concretude na realidade da entrega da vida de Cristo por nós, conforme o contexto de Ef 1,7-10, onde se encontra a expressão πλήρωμα τῶν καιρῶν. Assim, a hipótese A3 é confirmada, somente, em parte, já que é insuficiente dizer que o ponto de ligação entre as duas expressões encontra-se em Deus que recapitula todas as coisas em Cristo.

No concernente ao vocábulo υἰοθεσία, é de se destacar que se trata de um termo utilizado na realidade jurídica greco-romano, com o significado de adotar alguém como filho. Também é constatável que esse termo jamais é utilizado na LXX e nem encontra um correspondente na tradição bíblica e no judaísmo palestinese. Portanto, as hipóteses expressas em A4 são respaldadas pelo resultado desta pesquisa. No entanto, como foi mostrado no parágrafo anterior, existe uma relação, ainda que não tão estreitamente perceptível, entre υἰοθεσία e πλήρωμα τῶν καιρῶν, fato negado por A4.

Há uma incomum apropriação, quer seja do ponto de vista jurídico ou filológico, do termo υἰοθεσία, empregado em Gl, para se referir à divina filiação dos cristãos. No entanto, ao utilizar-se desse vocábulo pela primeira vez, Paulo poderia estar dando um novo significado a esse termo e que, sem dúvida, fora compreendido pelos seus destinatários. E, ainda, é evidente que a tradição bíblica, conhecida por Paulo (Rm 9,4), já supunha a filiação divina para o povo de Israel. Essas hipóteses formuladas em A5 tem a sua confirmação fundamentada e desenvolvida nessa mesma pesquisa.

É também correta a hipótese A6 no que diz respeito à afirmação de que há, segundo Paulo, duas *υιοθεσία*, ou seja, uma antiga (Rm 9,4), destinada ao povo de Israel, e uma outra (Gl 4,5), destinada a qualquer pessoa, independente de ser de etnia judaica ou gentia, através da encarnação de Cristo.

Finalmente, no que diz respeito à última das hipóteses prévias (A7), constata-se que a *υιοθεσία*, conforme Ef 1,5, é contextualizada, diferentemente de Gl 4,5, em perspectiva pré-temporal ou atemporal, quer dizer, antes do envio de Cristo. No entanto, embora tal afirmação seja correta e admitida por A7, deve-se enfatizar que tanto a *υιοθεσία* em Ef ou em Gl é concedida por Deus através de Cristo; e, ainda mais: mesmo que a *υιοθεσία*, concebida em Gl, não seja uma realidade atemporal, o mesmo não se pode dizer do Enviado, já que o verbo *ἐξαποστέλλω* pode dar a entender que se trata do Cristo que preexiste junto de Deus, seu Pai.

1.2. A hipótese central

A hipótese central que se desdobra em duas vertentes, tem a sua primeira afirmação (B1) confirmada nas conclusões desta pesquisa. Assim, os dois textos analisados ao longo da atual pesquisa (Gl 4,1-7 e Ef 1,3-10), no que dizem respeito às expressões *υιοθεσία*, *πλήρωμα τοῦ χρόνου* e *πλήρωμα τῶν καιρῶν*, manifestam que Jesus Cristo, o Filho de Deus, é o ponto chave da escatologia já realizada.

No entanto, não se confirma a afirmação de que através do *καιρός* acentua-se a recapitulação de todas as coisas. Ao invés, esta pesquisa mostrou que a ênfase está na condução de todas as coisas, da parte de Deus, ao seu ponto máximo ou clímax.

Ainda, evidenciou-se nesta pesquisa que, enquanto Gl acentua a dimensão cristológico-cronológica realizada da *υιοθεσία*, Ef ressalta a sua perspectiva cristológico-cairoológica. Porém, a hipótese B1 não esclarece que *χρόνος* e *καιρός* dizem respeito ao tempo ou momento, sendo que *χρόνος* está se referindo a um acontecimento ocorrido num momento ou ocasião em seu aspecto mensurável.

Embora, segundo a hipótese B2, seja importante a observação de que os targumim e o judaísmo palestinese do tempo de Jesus fossem muito reticentes quando se tratava de nomear Deus como Pai, esta pesquisa mostrou que os textos de Gl 4,4-5 e Ef 1,4-5, ao se referir à υἰοθεσία dos cristãos, não contêm uma reação a essa mentalidade; tal conclusão é respaldada, igualmente, em todos os demais escritos do NT que veiculam com muita tranquilidade a afirmação da filiação divina dos cristãos.

Finalmente, é real, conforme a hipótese B2, que o termo υἰοθεσία utilizado em Gl e Ef é uma forma explicativa para deixar claro como se dá a nossa filiação divina, tendo como referência a pessoa de Jesus, o Filho preexistente e unigênito de Deus.

O que deve se acrescentar é que o resultado da pesquisa mostra que não há nenhuma ênfase na afirmação de que Jesus é o unigênito de Deus. No entanto, é de se supor esta realidade, uma vez que os dois textos em questão se referem a Jesus, como aquele que preexiste junto de Deus (antes dos tempos) ou é enviado de junto de Deus (ἐξαποστέλλω) para participar da história da humanidade.

Conclui-se que o confronto entre os resultados da presente pesquisa e as hipóteses decorrentes do Estado da Questão deixa entrever que tais hipóteses, em âmbito geral, encontram-se, mesmo diante de algumas imprecisões, orientadas, com significativa consistência, na direção correta dos resultados obtidos.

2. Resultado e Contribuição da Pesquisa

Como o capítulo precedente já nos mostrou, em forma de cotejo, os resultados desta pesquisa entre Gálatas e Efésios (υἰοθεσία e πλήρωμα τοῦ χρόνου/πλήρωμα τῶν καιρῶν), nesse presente momento importa considerar o seu fundamental resultado e a eventual contribuição daí decorrente para melhor entendimento do alcance teológico da tradição paulina no que concerne à fundamentação ou origem da filiação divina dos cristãos.

Este estudo ressaltou que o vocábulo υἰοθεσία, fora da literatura greco-romana, somente presente na literatura paulina, foi utilizado por essa tradição

neotestamentária com sentido diferente daquele que lhe era comumente atribuído. Isso fica patente, sobretudo, nos dois textos estudados nesta pesquisa.

De sua parte, Gl 4,5, ao empregar esse termo pela primeira vez, dá-lhe um novo sentido. Isto, porque a palavra υιοθεσία, no mundo greco-romano, era concebida segundo o seu sentido filológico (adotar ou estabelecer alguém, até então estranho, como filho). Refletia essa palavra, por isso mesmo, uma situação de alcance jurídico. Desse modo, de acordo com o contexto da conclusão¹, esboçada em Gl 4,1-7, tal palavra ganhou uma especial conotação, vindo a explicitar a origem divina filiação do cristão.

De outra sorte, por mais significativo que seja o desenvolvimento do raciocínio, em forma alegórica, de Gl 4,1-2, onde o herdeiro menor de idade é comparado a um escravo, este, no entanto, não deixa de ser o senhor de tudo; e o que é mais significativo, ele tem um pai (ἄχρι τῆς προθεσμίας τοῦ πατρός). Nesse sentido, não poderia ser adotado por aquele que já é seu pai, já que está suficientemente claro que o pai do menor herdeiro continua sempre o mesmo, ainda que o menor venha atingir a maioridade.

Como a condição da maioridade decorre do tempo da fé a partir do envio do Filho de Deus (cf. 3,19-25), Paulo, na perícopé conclusiva de sua argumentação (4,1-7), exprime essa nova situação através do conceito ‘adoção filial’, caracterizando, dessa maneira, a fundamentação da divina filiação do cristão. Deste modo, aquele que era filho antes de Cristo (4,1-2), agora passa a ser filho de Deus em virtude do envio/encarnação do Filho de Deus (4,4-5); então, para se referir a esse novo estado de vida, Paulo se serve do termo υιοθεσία. O que se vislumbra é que Paulo, não encontrando um termo melhor apropriado para expressar essa nova condição, lança mão desse termo que, a partir de agora, na compreensão cristã, passa a indicar a nova realidade de filhos de Deus em Cristo². Assim, o envio de Cristo da parte de Deus, no πλήρωμα τοῦ χρόνου, origina essa nova situação.

¹ Tal conclusão diz respeito à seção Gl 3,1-4,7, que tem como título: “Demonstração bíblica: filiação divina pela fé em Cristo”.

² No entanto, a mesma palavra υιοθεσία, no contexto da carta aos Rm (9,4), acabou sendo estendida, de maneira muito privilegiada, àqueles que provêm do judaísmo. Através dessa constatação vê-se como o próprio Paulo mostra-se hesitante no que concerne ao sentido que ele já havia, anteriormente, dado a esse termo, em Gl 4,4-5. Já as outras duas vezes que Paulo utiliza υιοθεσία (Rm 8,15.23), o que se tem a observar é que se trata de termo referente à realidade dos cristãos, ainda que Rm 8,23, pareça identificar a υιοθεσία com a ‘redenção do nosso corpo’.

Quando, porém, de outra parte, o hino de Ef retoma o termo υιοθεσία, este já é entendido no sentido da divina filiação do cristão. No entanto, o autor desse hino estabelece uma nova dimensão para tal filiação. Assim, diferentemente de Gl, o novo enfoque determina a origem da divina filiação do cristão para antes da fundação do mundo. Estava, dessa maneira, segundo a diferenciada concepção de Ef, deslocada a origem da υιοθεσία cristã. A concepção da divina adoção, segundo Ef, transfere-se do momento do πλήρωμα τοῦ χρόνου, onde, por iniciativa de Deus ocorre a encarnação do seu Filho, para a esfera atemporal (antes da fundação do mundo), onde o Filho de Deus preexiste. Essa transferência do momento da divina υιοθεσία dos cristãos indica, da parte de Ef, uma perspicaz e oportuna apropriação da expressão elaborada em Gl; pois, desse modo, o autor de Ef recupera o sentido filológico do termo, como deveria ser entendido, ao menos, por ele e seus leitores. Uma vez que se estabelece a υιοθεσία dos cristãos para antes da criação do mundo, rompe-se a equivocidade seguinte: ‘adoção filial de quem já é filho por concessão divina’. De outro lado, a apropriação de Ef está, como vimos, em consonância com a teologia da interpretação rabínica, neotestamentária, e também paulina, que admite a nossa escolha e filiação, em Cristo, antes da criação do mundo e, portanto, antes da encarnação do Filho de Deus. Assim, essa mesma apropriação, devolvendo o verdadeiro sentido do termo à compreensão dos destinatários de Ef, e fundamentando a divina escolha e adoção filial em elementos da tradição judaica e paulina, facilita aos provenientes do judaísmo ou da gentilidade o aprofundamento da irrenunciável verdade da fé cristã: ‘somos filhos de Deus em Cristo desde antes da criação do mundo, pois já existíamos em sua mente’. Ademais, recupera-se o sentido bíblico da criação, pois se através dela já tivesse sido percebida a ligação do ser humano ao criador em perspectiva paterno-filial, poder-se-ia, com perplexidade perguntar: como é possível a quem já é filho deixar de sê-lo?

Embora possa parecer que essa diferente interpretação de Ef, à primeira vista, venha rechaçar ou colocar em segundo plano o sentido da encarnação do Filho de Deus, na verdade, a aprofunda. Isso se torna evidente, quando desenvolve, em 1,7-10, de maneira também cabal, o verdadeiro sentido do Filho encarnado de Deus, o qual, com o seu sangue, redimiu os filhos divinamente escolhidos e adotados antes dos tempos.

Daí vem outra consideração necessária: a expressão πλήρωμα τοῦ χρόνου (Gl 4,4), por causa do seu fundamental papel temporal para o acontecimento da υἰοθεσία, não é, por parte do autor de Ef, votada ao esquecimento ou desconsideração. Tal expressão que, em Gl, tem como finalidade indicar um momento preciso, porque mensurável entre o antes da fé e o tempo da fé, recebe do autor de Ef a sua devida atenção, porém de maneira nova. Nesse sentido, esse autor utiliza a expressão πλήρωμα τῶν καιρῶν para se referir ao supremo acontecimento temporal que é a redenção realizada a nosso favor pelo sangue de Cristo.

Se a encarnação, na plenitude do tempo, segundo Gl, fundamenta a filiação divina dos cristãos, a redenção pelo sangue de Cristo, garantia de sua encarnação, dá condição para que os escolhidos antes da criação do mundo e predestinados à divina filiação através de Cristo sejam orientados à realização da πλήρωμα τῶν καιρῶν. Assim, se antes, segundo Gl, o πλήρωμα τοῦ χρόνου fora identificado como o momento auge da história da humanidade (a encarnação do Filho de Deus) e, portanto, da nossa divina filiação, agora, em outra perspectiva, é a redenção pelo sangue de Jesus que conduz todos os filhos de Deus ao πλήρωμα τῶν καιρῶν. Se o πλήρωμα τοῦ χρόνου é o palco da ação de Deus, quando ele envia o seu Filho, fundamentando a nossa divina filiação, o πλήρωμα τῶν καιρῶν é o momento, decisivamente imprescindível na vida dos cristãos, para onde os filhos de Deus se encaminham, tendo por palco o ato supremo e redentor de Cristo. A mudança de palco do πλήρωμα τοῦ χρόνου para a redenção de Cristo é que dá sentido e sustentação à realidade dos divinamente adotados, em Cristo, antes da criação do mundo.

Desse modo, não somente estão contempladas duas preciosas e genuínas contribuições de Gl (υἰοθεσία e πλήρωμα τοῦ χρόνου), mas a elas são dadas ricas e fundamentais interpretações que vêm favorecer a sua compreensão para os novos destinatários de Ef, a saber: escolhidos em Cristo antes dos tempos e, por meio de Cristo, predestinados à divina filiação, somos todos nós, os cristãos; cabe-nos, no presente momento, redimidos pelo sangue de Cristo, que fez de nós um único povo, caminhar em direção da plenitude dos tempos, situação para a qual somente o supremo sacrifício de Cristo pode nos conduzir.

Por fim, com suficiente evidência, este estudo mostrou, dentre tantos resultados importantes, que textos bíblicos não podem ser compreendidos de maneira isolada e fora de contexto. No entanto, a busca da compreensão desses contextos a fim de se tentar estabelecer qual a verdade de um ou mais textos, é tarefa árdua porque demanda, necessariamente, confrontos entre muitos e variados textos de épocas e situações também variadas. Por isso, na tentativa de buscar as verdades sobre a *υἰοθεσία* e *πλήρωμα τοῦ χρόνου/πλήρωμα τῶν καιρῶν* em dois textos importantes e fundamentais da tradição paulina, foi necessária uma verdadeira incursão por caminhos, à primeira vista desnecessários, da BHS, LXX, literatura rabínica, variados textos do NT, entre outras contribuições. Sem tais incursões não teria sido possível chegar às importantes conclusões, quando se constata que abordagens sob pontos de vista teológico diferentes, muitas vezes, dos mesmos termos e antigos conceitos, manifestam que a verdade, para nós humanos, é resultado de busca constante e incessante. Somente através da abertura à verdade de Deus, da qual não somos donos, mas participantes, podemos, no diálogo com culturas e pensamentos diversos, chegar à alegre e satisfatória constatação de que a divina filiação em Cristo é um dom de Deus para todas as criaturas. Ao menos, isso foi o que mostrou o hino de Ef, de maneira clara e satisfatória. Diríamos, por fim, que os caminhos trilhados por Gl já alguns anos antes foram por demais significativos para proporcionar ao autor de Ef uma renovada elaboração a respeito da divina filiação dos cristãos.